

PENSANDO COM SIMONE DE BEAUVOIR... E PARA ALÉM DE ¹

THINKING WITH SIMONE DE BEAUVOIR... AND BEYOND

Christine Daigle *

Tradução de Paulo Sartori **

RESUMO

Em meu artigo remeto ao que percebo ser a preocupação fundamental de Beauvoir, a ética. Seu pensamento ético está fundamentado em considerações ontológicas e fenomenológicas que lhe permitem pensar as relações interpessoais. Uma vez que é isso que impulsiona sua filosofia, considero que sua preocupação fundamental é ética. O problema da alteridade é um dos que Beauvoir busca abordar em sua obra. Discutindo isso, trato da questão da sua origem e do problema da influência com relação a Sartre e Beauvoir. Isso me leva a uma análise de como Beauvoir aborda o problema da alteridade em *A Convidada*. Minha posição é que o romance não apresenta uma teoria da alteridade, mas sementes de tal teoria encontram-se nele. No entanto, o pensamento de Beauvoir, apresentado nesse romance, exerceu influência sobre Sartre. Mas também se pode argumentar que a influência entre ambos foi recíproca

PALAVRAS-CHAVE: Beauvoir; Sartre; Ética; Alteridade; Ambiguidade

¹Este artigo já foi anteriormente publicado em sua versão original, em inglês, na Revista *Sapere Aude*, V.3, N.6 (2012), p.96-106.

Agradecimentos à autora, Profa. Christine Daigle (BROCK UNIVERSITY, Canada) pela cordialidade na troca de e-mails e explicações terminológicas sobre o texto. Revisão de Magda Guadalupe dos Santos (PUCMINAS) e Valéria De Marco Fonseca (PUCMINAS).

Our sincere thanks to Professor Christine Daigle for her help with the understanding of some of the terms in the text.

* Professora de Filosofia e premiada com a *Chancellor's Chair* do programa de pesquisas *Research Excellence* da Brock University, Canadá. Doutora em Filosofia pela *Université de Montréal*, do Canadá. Seleção de publicações: Jean-Paul Sartre (Routledge, 2009); *Le Nihilisme est-il un humanisme? Étude sur Nietzsche et Sartre* (Presses de l'Université Laval, 2005); *Nietzsche and Phenomenology. Power, Life, Subjectivity* (co-eds.) with Élodie Boubil *Studies in Continental Thought Series*, (Indiana University Press, 2013); Beauvoir and Sartre. *The Riddle of Influence*. (co-eds.) with Jacob Golomb. (Indiana University Press, 2009).

** Bacharel em Filosofia pela PUCMINAS. Bolsista de pesquisa pelo FIP/PUCMINAS 2010-2012. Músico, tradutor, estudioso de Estética e Filosofia da Arte.

ABSTRACT

In my article, I address what I perceive to be Beauvoir's fundamental preoccupation, namely ethics. Her ethical thinking is grounded in ontological and phenomenological considerations that allow her to think through interpersonal relations. Because this is what drives her philosophy, I consider her fundamental preoccupation to be ethical. The problem of alterity is one that Beauvoir seeks to address in her work. Discussing this, I engage with the question of its origin and the problem of influence between Sartre and Beauvoir. This leads me to an analysis of how Beauvoir tackles the problem of alterity in *She Came to Stay*. My claim is that the novel does not offer a theory of alterity and that only seeds of such a theory are to be found therein. Nonetheless, Beauvoir's thinking in the novel was influential on Sartre. But it can also be argued that the influence remains reciprocal.

KEYWORDS: Beauvoir; Sartre; Ethics; Alterity; Ambiguity

Um exame dos temas buscados nos escritos de Beauvoir mostra que a ética é a preocupação fundamental subjacente em seus trabalhos. Ela se preocupa com a natureza das relações interpessoais e com o florescimento dos seres humanos como indivíduos e como seres-com-os-outros – como seres intersubjetivos. Embora a ética seja a sua principal preocupação, ela não está preocupada em criar prescrições éticas enquanto tais. Na verdade, ela nos adverte contra isso em *Por uma moral da ambiguidade*. Pouco antes da conclusão do livro ela escreve:

"Essas considerações permanecem, dirão, bastante abstratas. Na prática, o que é preciso fazer? Que ação é boa? Qual delas é má? Colocar tal questão é também cair numa abstração ingênua. [...] A moral não fornece mais receitas do que a ciência ou a arte. Apenas métodos podem ser propostos." (BEAUVOIR, 2005, p.109)

Contudo, embora ela não esteja preocupada em conceber regras éticas de conduta e diretrizes para a deliberação ética, ela se preocupa com a questão mais fundamental de como viver autenticamente como seres ambíguos. Seu pensamento ético é baseado em considerações ontológicas e fenomenológicas que lhe permitem pensar através de relações interpessoais. Por ser isso o que conduz sua filosofia, considero sua preocupação fundamental como sendo a ética.

Foi pela atenção que prestou às questões éticas que me voltei aos seus escritos². Procurando pela chave para a ética de Sartre, uma chave que é difícil de decifrar em seus escritos, voltei-me a Beauvoir em busca daquela chave perdida – uma apresentação da ética, que não se encontra na obra de Sartre. Esse é um erro que muitos sartrianos cometeram, incluindo Thomas C. Anderson, um influente estudioso de Sartre³. O problema é que *O Ser e o Nada* de Sartre, uma investigação fenomenológico-ontológica, apresenta um retrato desalentador das relações interpessoais. O ser-para-o-outro do indivíduo é alienante e o Outro é colocado como alguém que rouba o mundo de mim, que retém uma verdade sobre mim à qual não tenho nenhum acesso, que me coisifica. "A essência das relações entre as consciências não é o *Mitsein*; é o conflito"⁴. Deixa-se o leitor de *O Ser e o Nada* com uma de duas possíveis impressões, ou com ambas: 1) como a essência de nossa relação com o outro é conflituosa, nenhuma ética é possível ou 2) posto que a essência de nossa relação com os outros é conflituosa, é imperativo conceber uma ética que regule essas relações. Sartre acredita que é importante pensar sobre ética e, de fato, conclui seu tratado prometendo que as considerações éticas levantadas por ele nas páginas finais seriam tratadas em uma obra futura. Embora ele tenha preenchido dez cadernos com notas para uma ética, a promessa nunca foi cumprida. O conflito de Sartre com a ética está documentado nos *Cadernos para uma Moral*, publicados postumamente em 1984, contendo dois dos dez cadernos. Dois conjuntos de notas dos anos 1950, "Rome Lectures" e "Notes for Cornell", também nos dão alguma ideia sobre seu pensamento ético. Contudo,

² Um pouco de autobiografia é preciso para contextualizar minha aproximação às obras de Beauvoir. Quando encontrei Beauvoir pela primeira vez como uma estudante de graduação, mal sabia eu que acabaria por dedicar tanto tempo pesquisando sua filosofia. Eu estava em um programa de pesquisa *Great Books* e líamos excertos de *O Segundo Sexo*. Deixei a aula convencida pelo meu professor de que ela não era realmente uma feminista e de que esse livro era ainda uma interessante avaliação da situação das mulheres nos anos 1940. Para meu trabalho de graduação, voltei-me às filosofias existencialistas de Friedrich Nietzsche e Jean-Paul Sartre e passei alguns anos explorando as similaridades entre eles. Beauvoir tornou-se parte dessa investigação na medida em que me provia de informações inestimáveis do desenvolvimento filosófico de Sartre através de sua série de autobiografias. As cartas de Sartre a ela eram também uma fonte de informação potencial sobre o que ele então lia. Como parte de minha investigação, eu estava examinando as convergências entre as éticas de Nietzsche e Sartre. Mas então surgiu o problema: qual é a ética de Sartre? Foi assim que Beauvoir entrou na minha vida novamente e, então, de vez como uma filósofa.

³ Ver, em particular, os dois seguintes livros: *The Foundation and Structure of Sartrean Ethics*, Lawrence, Kansas: University of Kansas Press, 1979 e *From Authenticity to Integral Humanity: Sartre's First Two Ethics*, Chicago: Open Court Press, 1993.

⁴ Sartre, Jean-Paul. *Being and Nothingness: An Essay in Phenomenological Ontology*. Translated by Hazel E. Barnes, revised edition, London and New York: Routledge, 2003, p. 451.

todos esses esforços deixam questões importantes sem resposta e algumas tensões tratadas insatisfatoriamente. Um exemplo é a noção de se converter no Outro. Percebendo a situação em que se colocou em *O Ser e o Nada*, Sartre propõe nos *Cadernos por uma Moral* que, a despeito da verdade ontológica da relação conflituosa com o Outro, deve-se converter no Outro. Deve-se – e a implicação é de que se pode – converter no outro, isto é, propositadamente estender a mão ao Outro e engajar-se em relações de cuidado a fim de se tornar autêntico. Porém, não há nenhuma explicação de como tal salto é possível. E, de fato, com base na ontologia apresentada em *O Ser e o Nada*, este salto não é possível. Embora não seja necessário rejeitá-la indiscriminadamente, revisões importantes precisam ser feitas nos posicionamentos ontológicos de Sartre para que sejam coerentes com suas propostas contidas nos *Cadernos*. As revisões necessárias podem ser encontradas em Beauvoir.

O entendimento de Beauvoir do ser humano como fundamentalmente ambíguo permite a possibilidade da conversão no Outro que Sartre buscava estabelecer. Como ela entende que somos seres ambíguos engajados em relações ambíguas, isto é, nossas relações são tanto conflituosas quanto harmoniosas, ela vê uma possibilidade para os indivíduos se relacionarem com outros de uma maneira positiva. Essa é a peça que falta em Sartre e é o que explica por que os sartrianos se socorrem em Beauvoir. Mas quando o fazem e alegam que Beauvoir está expondo a ética de Sartre em *Pirro e Cinéas* e em *Por uma moral da Ambiguidade*, eles estão equivocados. Ela está expondo sua própria ética baseada em um entendimento ontológico e fenomenológico do humano que é próximo ao de Sartre, mas diferente em sua essência⁵.

Estudiosos do pensamento de Beauvoir muito frequentemente se encontram em uma posição na qual têm que tratar de sua relação filosófica com Sartre. Isso é de diversas

⁵ Parte das razões de por que os sartrianos podem se equivocar dessa maneira pode corresponder às declarações da própria Beauvoir de que ela não era uma filósofa e que Sartre era um filósofo, negando efetivamente que ela tivesse exercido qualquer influência sobre ele. O persistente trabalho de Margaret A. Simons sobre a questão da influência e seu trabalho editorial, trazendo à luz o desenvolvimento filosófico de Beauvoir desde sua juventude, esclareceu essa influência. São de particular interesse as entrevistas com Beauvoir reproduzidas em *Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race, and the Origins of Existentialism*, Lanham: Rowman & Littlefield, 1999. Sobre a questão da influência, ver o volume I coeditado com Jacob Golomb, *Beauvoir and Sartre: The Riddle of Influence*, Bloomington: Indiana University Press, 2009.

maneiras inevitável⁶. Beauvoir e Sartre partilham de alguns posicionamentos ontológicos. Reconhecer esse fato não diminui o que ela ou ele faz e alcança⁷. Em verdade, dado o tipo de relação que eles tinham – uma relação bastante complexa e intrincada –, é razoável conceber que eles discutiam e compartilhavam ideias, cada um teorizando-as à sua maneira e à luz de suas próprias preocupações individuais e de outras ideias as quais eles não compartilhavam ou estavam em concordância. Entender dessa forma essa sua relação abre portas à possibilidade de que muitas ideias eram inicialmente de Beauvoir e de que Sartre as teorizava antes dela e vice versa. Estender-se ao ponto de dizer que ele não tinha nenhuma ideia filosófica e que elas eram todas dela, como o casal Fullbrooks defendeu⁸, é extremo demais tanto quanto é extremo demais dizer que Beauvoir era o clone de Sartre, como muitos comentadores de Sartre e a filosofia continental afirmaram. Que ela tivesse ideias filosóficas, que se interessasse por filosofia, e que de fato se retraísse em favor de Sartre; tudo isso já foi demonstrado⁹.

O que desencadeou muito interesse, em se tratando da questão sobre de quem se originaram as ideias filosóficas, foi a análise do problema de outras consciências em *A Convidada*. Esse era um problema que há muitos anos já a intrigava e lhe interessava, como mostram seus primeiros diários. O romance gira em torno da descoberta de Françoise a

⁶ Em seguida ao trabalho que apresentei no encontro da Simone de Beauvoir Society em Eugene, Oregon, em 2011, tive uma troca de ideias interessante com Peg Simons sobre esse assunto. Ela lamentava o fato de que não temos como lidar com Beauvoir em seus próprios termos. Para ela, a mudança de paradigma que ela estava identificando (ou antecipando?) nos estudos sobre Beauvoir requeria que parássemos de tomar Sartre como referência quando tratássemos da filosofia de Beauvoir e de compará-la com ele. A preocupação de Simons é compreensível visto todo o trabalho que ela realizou para tirar Beauvoir da sombra de Sartre (ver nota anterior). Sou muito agradecida a ela pela troca de ideias que tivemos e pelos muitos desafios que ela me propôs. O que se segue neste trabalho é uma tentativa de responder à(s) preocupação(ões) de Simons.

⁷ Debra Bergoffen faz a esse respeito uma excelente consideração em sua resenha do livro de Penelope Deutscher, *The Philosophy of Simone de Beauvoir. Ambiguity, Conversion, Resistance*, Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Ela elogia a análise feita por Deutscher da teia de influências (inclusive Sartre) que atuaram no pensamento de Beauvoir. Bergoffen afirma que é importante reconhecer que Beauvoir, *como qualquer outro filósofo*, foi influenciada por diversos pensadores e que a partir disso ela pôde elaborar sua própria filosofia. Ela também elogia a crítica de Deutscher a Beauvoir, subentendendo que a crítica não leva a uma recusa de Beauvoir. Se estamos, de fato, esclarecendo a questão da influência e demonstrando que Beauvoir era uma filósofa por méritos próprios, temos o dever de proceder a essa crítica como faríamos com outros filósofos. Ver a resenha de Bergoffen: *philoSOPHIA. A Journal of Continental Feminism*, volume 1.2, p. 251-256.

⁸ Ver *Sex and Philosophy: Rethinking de Beauvoir and Sartre*. London and New York: Continuum, 2008.

⁹ Mais uma vez, ver as obras de Margaret A. Simons, assim como as de Daigle e Golomb, *Beauvoir and Sartre: The Riddle of Influence*.

respeito da dinâmica entre consciências quando Xavière entra em sua vida e rompe a unidade que ela havia construído entre si e Pierre. Xavière é o Outro alienante; ela é a consciência opaca que vê Françoise e tem pensamentos a seu respeito, aos quais lhe é negado acesso. Françoise se confronta com isso de maneira muito ab-rupta. Isso se soma a sua descoberta de seu ser intersubjetivo, a saber, seu ambíguo ser-com-os-outros. Pode-se dizer que ela não consegue lidar com a descoberta dessa faceta de seu ser já que o romance se encerra com o assassinato de Xavière cometido por Françoise. Ela não suporta este Outro alienante.

Essa análise literária do problema de outras consciências é muito interessante. Ao passo que expõe algumas convicções ontológicas de Beauvoir, não a restringe a uma posição ética sobre a natureza das relações interpessoais descritas por ela, sejam as bem sucedidas, sejam as mal sucedidas. A maneira como ela expôs o problema mostra que ela tinha interesse por ele e não que ela tinha uma teoria sobre ele. Ela podia ter uma teoria na época, ou uma formulação inicial de uma, mas *A Convidada* é um texto literário e não uma indicação manifesta de uma teoria. É verdade que, para Beauvoir, não há uma distinção clara entre literatura e metafísica. No ensaio "Literatura e Metafísica" ela explica que um romance pode ser filosófico, ajudar a desvelar conceitos e orientar nosso pensamento sobre tais conceitos para, então, eventualmente formular-se uma teoria. A escrita romanesca é um método de filosofar com mais êxito que a escrita sistemática que vemos nos tratados, pois permite – ao autor e ao leitor – que se capturem os aspectos concretos e vívidos de conceitos e teorias. Logo, a natureza literária de sua abordagem do problema das outras consciências não implica na ausência de uma teoria da alteridade em *A Convidada*. Minha asserção, contudo, não é de que a teoria esteja ausente. Pelo contrário, defendo que há sementes de uma teoria da alteridade no romance, mas esta não está ali completa e isso é também, de certa forma, problemático e inconsistente.

No romance, a seguinte "asserção"¹⁰ é feita, o ingresso de Xavière na relação entre Pierre e Françoise é a irrupção do Outro para Françoise. Ela coloca isso como um desafio ao seu entendimento de si como uma consciência única. Contudo, Françoise já está

¹⁰ Referir-se a isso como uma "asserção" é, em verdade, exagerar. Não há "asserções" como tais no romance. Há sugestões, alusões, explorações, que são, por sua forma literária, necessariamente experimentais. Para Beauvoir, todavia, isso não as destitui do valor de ferramentas filosóficas de investigação. O pensamento filosófico que se restringe à racionalização argumentativa está necessariamente limitado e não logra abarcar a experiência concreta.

engajada em uma relação com um Outro: Pierre. Portanto, o verdadeiro problema que Françoise encara não é, como ela afirmou, ser confrontada repentinamente com um Outro que desvela para si que ela não é única, mas o problema que ela encara é que esse Outro, Xavière, resiste ao desejo de Françoise de se amalgamar. O que diferencia sua relação com Pierre daquela com Xavière é que ela tem um sentimento de ser um com Pierre. A presença de Xavière rompe essa simbiose harmoniosa. A relação de Françoise com Xavière é conflituosa. É por isso que essa relação com um Outro é difícil e, em última instância, insuportável para Françoise. Portanto, o que Beauvoir está teorizando de fato, ou melhor, explorando, no romance não é o problema de outra consciência e de como isso abala o solipsismo, mas sim as diferentes formas de se relacionar com um Outro, isto é, a ambiguidade inerente a qualquer relação com outrem.

A *Convidada* é uma análise literária/filosófica do problema da existência de outras consciências. Mas se é filosófico, podemos questionar qual é seu argumento, ou ainda, que "asserções" estão sendo feitas ou exploradas. A principal asserção do romance é de que a consciência humana é um ser-com-os-outros e de que as relações interpessoais são fundamentalmente ambíguas. Esse argumento acarreta uma crítica ao solipsismo. Françoise é uma solipsista na medida em que fantasia ser ela uma consciência única. Confrontada a sua própria má-fé, isto é, concebendo-se como uma consciência solitária, ela não logra lidar com isso e nem reconhecer a si mesma como o ser-com-os-outros que ela é. Por causa disso ela assassina Xavière. O assassinato não é um indicação de que Françoise é uma consciência isolada, mas antes uma indicação de que ela fracassa em conceber-se como um ser-com-os-outros, isto é, ela, *com má-fé*, concebe-se como isolada e quer se manter isolada. Essa trama exemplifica o interesse de Beauvoir em questões éticas, especialmente durante a guerra, posto que esta (a guerra) desenterrou os problemas da violência e de sua possibilidade. O fracasso de Françoise e o assassinato que comete são uma ilustração de que as pessoas recorrem atos violentos e antiéticos quando falham em reconhecer seus próprios ser-com-os-outros. É por isso que Beauvoir argumenta, mais tarde, em *Pirros e Cíneas*, *Por uma moral da ambiguidade* e em *O Segundo Sexo* que os indivíduos devem reconhecer sua própria intersubjetividade e o fato de que estão entrelaçados com os outros. Este se torna o grande imperativo ético do pensamento de Beauvoir.

Esse imperativo é trabalhado de forma embrionária em *A Convidada*, na análise da relação conflituosa entre Françoise e Xavière, mas também na experiência que Françoise tem de sua relação com Pierre, que é mais positiva. No início do romance, ela entende que sua relação com Pierre é uma simbiose harmoniosa. Ela não se coloca de fato como uma consciência única, mas como perdida na consciência única que eles, Pierre e Françoise, formam. Isso é problemático porque, como Beauvoir delinear posteriormente em outras obras, não se pode resignar a sua própria subjetividade e liberdade. Mesmo que Françoise se resigne a elas voluntariamente, isso continua, ainda assim, problemático como o capítulo sobre a mulher apaixonada em *O Segundo Sexo* demonstra. Frequentemente se pensa em Françoise como a encarnação da mulher forte, independente e livre. Mas penso que ela, na verdade, está mais próxima a Paula de *Os Mandarins*. Tanto Françoise quanto Paula podem ser criticadas por se perderem em seus relacionamentos com os homens. Ao fazê-lo, elas se perdem de si como os seres livres e ambíguos que de fato são. Françoise descobre essa perda uma vez que Pierre dela se afasta por causa de sua fascinação por Xavière. Uma vez que um membro da unidade harmoniosa se separa dela, o que resta a Françoise? Nada, já que ela apenas se concebeu a partir de sua unidade com Pierre. Com isso, o romance implicitamente argumenta que a fim de florescer como um ser humano, não se deve viver sozinho ou se perder em uma relação com um outro. Deve-se cultivar tanto sua própria individualidade livre quanto seu ser-com-os-outros. Isso é a ambiguidade vivida, como Beauvoir explicará posteriormente em *Por uma moral da ambiguidade*.

Já se asseriu que a teoria de Sartre do Outro em *O Ser e o Nada* foi inteiramente tomada do primeiro romance de Beauvoir. Dado o que afirmei acima, não desejo negar que Sartre assimilou o problema enquanto lia o manuscrito de *A Convidada* quando de licença nos primeiros meses de 1940. De fato, ele assimilou o problema apresentado por Beauvoir e o admitiu em seu *Diário de uma Guerra Estranha*, mas sua teorização sobre o problema é inteiramente de sua autoria. Ele não roubou as ideias de Beauvoir porque as ideias sobre o ser-para-os-outros são dele e são diferentes das de Beauvoir, que concebe nosso ser-com-os-outros não como conflituoso, mas como ambíguo. O que Sartre toma do romance é a relação conflituosa entre Françoise e Xavière. Ela interessa às suas inclinações teóricas próprias. Contudo, ele não leva em consideração a relação entre Françoise e Pierre, que

parece ser mais positiva, tampouco a ambiguidade das relações interpessoais que Beauvoir ilustra. O posicionamento de Beauvoir é mais rico e permite a elaboração de uma ética.

Ao mesmo tempo em que Sartre está finalizando sua teoria sobre o ser-para-os-outros e sobre as relações com os outros como conflituosa, Beauvoir já está reconhecendo as falhas do solipsismo, que implica em estar de má-fé face ao ser-com-os-outros de alguém, e indica que isso só pode levar ao conflito, à violência e, no caso de Françoise, ao assassinato. Beauvoir vai em direção à teorização do ser-com-os-outros em *Pirros e Cíneas* e nas obras seguintes. Curiosamente, Sartre passa a reconhecer que suas posições levam à violência, a relações opressivas entre os indivíduos e à falta de alternativa ética. É por essa razão que ele tenta elaborar, nos *Cadernos*, uma ética da autenticidade que implica uma conversão no Outro. Ele precisa recorrer a Beauvoir a fim de resolver esse problema. É a ênfase de Beauvoir acerca do ser-com-os-outros que está em vigor nessa obra.^{11 12}

Se Beauvoir é capaz de detalhar sua noção de ambíguo ser-com-os-outros, é graças à diferente apreciação de situação e corporificação. Sonia Kruks demonstrou muito convincentemente que o entendimento de Beauvoir acerca de situação a levou a adotar uma visão de liberdade que era muito mais ambígua que o que Sartre pôde conceber no contexto de *O Ser e o Nada*.¹³ Kruks habilmente intitulou seu ensaio como "Ensinando a Sartre sobre Liberdade" ("Teaching Sartre About Freedom"). A avaliação de Beauvoir das relações interpessoais se baseia na apreciação de que indivíduos são seres situados. Nós somos seres-no-mundo, o que implica que nossa liberdade é situada, logo restrita a um grau pela

¹¹ Em outro ensaio, argumentei que é graças à diferente recepção e apropriação de Hegel e Heidegger que Beauvoir é mais bem sucedida no entendimento das relações interpessoais e em ir além do estritamente conflituoso com seu ambíguo ser-com-os-outros. Ver o meu ensaio "The Ethics of Authenticity". *Reading Sartre*. Jonathan Webber (ed.), London: Routledge, 2010, p. 1-14.

¹² Curiosamente, Sartre fez, então, o mesmo que os sartrianos mais recentes a que me referi anteriormente: ele se voltou a Beauvoir para ajudar a delinear seu próprio pensamento ético. Mas isso implica para ele grandes revisões de algumas de suas visões, isto é, revisões ao ser-para-os-outros. Contudo, como indiquei em meu ensaio "The Ethics of Authenticity", revisar algumas de suas noções de *O Ser e o Nada* não implica em rejeitar a ontologia por inteiro. É possível que ele tenha visto a possibilidade de fazê-lo, dado que Beauvoir partilhava de alguns posicionamentos ontológicos e mesmo assim foi capaz de elaborar uma ética, enquanto ele não foi.

¹³ Ver Kruks, Sonia, "Simone de Beauvoir: Teaching Sartre About Freedom", in Aronson, Ronald e Adrian van den Hoven (eds), *Sartre Alive*, Detroit: Wayne State University Press, 1991. Uma versão anterior em francês foi publicada em *Les Temps modernes* na edição de novembro de 1989 como "Simone de Beauvoir entre Sartre et Merleau-Ponty", no qual Kruks foi identificada erroneamente como Sonia Kraüs.

"força das circunstâncias"¹⁴. Nós somos indivíduos livres, mas nossa liberdade não é absoluta: é situada, atrelada ao mundo, entrelaçada às de outros com quem estamos sempre relacionados. Esse entendimento da liberdade como situada também está ligada às suas visões sobre corporificação. Em outros ensaios, mostrei como a abordagem de Beauvoir do corpo como ambíguo e da consciência como necessariamente e sempre encarnada representa um avanço em relação às visões instrumentais de Sartre do corpo e da consciência como transcendentais em última instância.¹⁵ O argumento principal apresentado nesses ensaios é que por Beauvoir conceber o ser humano como ambíguo e por essa ambiguidade ser múltipla e se estender às nossas relações com o mundo e com os outros, ela está em uma posição teórica melhor para tratar dos problemas éticos concernentes às relações interpessoais. Ela não está tentando sobrepor ao mundo uma consciência onipotente absolutamente livre, ademais, engajada em relações com indivíduos igualmente onipotentes e absolutamente livres. Antes, ela vê que o domínio interpessoal será sempre permeado por tensões, posto que os indivíduos não podem se conceber como fechados em si mesmos (*self-enclosed*) e auto-suficientes (*self-sufficient*). Essas tensões, todavia, são tanto positivas quanto negativas e deve-se aprender a viver em sua própria ambiguidade. Esse é o ideal de autenticidade para Beauvoir.¹⁶

Embora eu não vá discutir isso aqui¹⁷, penso que pode ser demonstrado que a filosofia de Sartre dos anos 1950 em diante é profundamente informada pela filosofia de Beauvoir. Sartre de fato segue na direção de um entendimento do ser humano como situado e envolvido pela rede de acontecimentos sócio-históricos. Ao incorporar a ideia de que a

¹⁴ Muito embora em inglês o título da obra de Beauvoir seja *Force of Circumstances*, no original em francês tem-se *La Force des Choses*, que se traduz por *A Força das Coisas*. No caso, a autora Christine Daigle está oferecendo ao leitor um jogo de palavras. (N. do T.)

¹⁵ Ver o meu ensaio "Where Influence Fails: Embodiment in Beauvoir and Sartre". *Beauvoir and Sartre: The Riddle of Influence*. C. Daigle and J. Golomb (eds.). Bloomington: Indiana University Press, 2009, p. 30-48. Ver também o seguinte artigo, de co-autoria de Christina Landry, "An Analysis of Sartre's and Beauvoir's Views on Transcendence. Exploring Intersubjective Relations", *PhaenEx*, primavera/verão de 2013.

¹⁶ Para mais sobre esse assunto, ver o meu ensaio "The Ethics of Authenticity". Ver também o meu artigo "Beauvoir philosophe: pour une phénoménologie de l'ambiguïté". *(Re)découvrir l'oeuvre de Simone de Beauvoir. Du Deuxième sexe à La Cérémonie des adieux*. J. Kristeva, P. Fautrier, P.-L. Fort and A. Strasser (eds.). Paris: Le Bord de l'eau, 2008, p. 149-157, assim como "The Ambiguous Ethics of Simone de Beauvoir". *Existentialist Thinkers and Ethics*. C. Daigle (ed.). Kingston and Montreal: McGill/Queen's University Press, 2006, p. 120-141.

¹⁷ Fazê-lo requereria uma análise profunda e detalhada dos escritos de Sartre além de *O Ser e o Nada* e dos *Cadernos para uma Moral*. O gesto (enquanto um movimento expressivo de ideias) terá que bastar por ora.

liberdade é situada e, portanto, restrita, ele reduz em muito o papel e o escopo da liberdade absoluta. O indivíduo, que é parte de uma série de grupos fundidos (*le groupe en fusion*) em *Crítica da Razão Dialética*, tem muito pouco a ver com o indivíduo livre como descrito em *O Ser e o Nada*. Penso que a influência de Beauvoir é atuante na evolução do pensamento de Sartre. Mas penso que também pode ser defendido que a influência permanece recíproca, visto que eles continuam a manter suas conversas, partilhar escritos e desenvolver ideias de forma conjunta e separada. Sartre passou sua carreira pensando com Beauvoir, e para além dela.

Como estudiosos, deveríamos tomar isso como um exemplo do que fazer com os escritos filosóficos e escritos em geral de Beauvoir. Estudiosos tendem a reverenciar os autores que eles investigam, assim como suas obras. Mas se aspiramos ser filósofos como Beauvoir, devemos ser irreverentes. Os trabalhos que recebemos devem ter alguma repercussão e temos o dever de tomar esses trabalhos e usá-los como trampolim para nosso próprio pensamento e para nossa própria ação. Beauvoir invoca nossa liberdade para que possamos nos encarregar de agir e mudar o mundo. Ela não está à procura de discípulos dóceis, mas de indivíduos livres que irão pensar com ela e, mais importante, seguir em frente e pensar para além dela. Devemos a ela a tarefa de corresponder dessa maneira.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Thomas C. **The Foundation and Structure of Sartrean Ethics**. Lawrence (Kansas): University of Kansas Press, 1979.

ANDERSON, Thomas C. **From Authenticity to Integral Humanity: Sartre's First Two Ethics**. Chicago: Open Court Press, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **The Ethics of Ambiguity**. Translated by Bernard Frechtman. New York: Citadel Press, 1976.

BEAUVOIR, Simone de. "Pyrrhus and Cineas." **Philosophical Writings**. Margaret A. Simons (ed.). Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **The Second Sex**. Translated by Constance Borde and Sheila Malovany-Chevallier. New York: Vintage, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **She Came to Stay**. New York: W. W. Norton & Company, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da Ambigüidade**. Tradução M.J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BERGOFFEN, Debra. "Recension of Penelope Deutscher's *The Philosophy of Simone de Beauvoir. Ambiguity, Conversion, Resistance*." **PHILOSOPHIA. A Journal of Continental Feminism**, volume 1.2, pp. 251-256.

DAIGLE, Christine. "The Ambiguous Ethics of Simone de Beauvoir." **Existentialist Thinkers and Ethics**. C. Daigle (ed.). Kingston and Montreal: McGill/Queen's University Press, 2006, pp. 120-141.

DAIGLE, Christine. "Beauvoir philosophe: pour une phénoménologie de l'ambiguïté." **(Re)découvrir l'oeuvre de Simone de Beauvoir. Du Deuxième sexe à La Cérémonie des adieux**. J. Kristeva, P. Fautrier, P.-L. Fort and A. Strasser (eds.). Paris: Le Bord de l'eau, 2008, pp. 149-157.

DAIGLE, Christine. "The Ethics of Authenticity." **Reading Sartre**. Jonathan Webber (ed.). London: Routledge, 2010, pp. 1-14.

DAIGLE, Christine. "Where Influence Fails: Embodiment in Beauvoir and Sartre." **Beauvoir and Sartre: The Riddle of Influence**. C. Daigle and J. Golomb (eds.). Bloomington: Indiana University Press, 2009, pp. 30-48.

DAIGLE, Christine; LANDRY, Christinia. "An Analysis of Sartre's and Beauvoir's Views on Transcendence. Exploring Intersubjective Relations." **PhaenEx**, Spring/Summer 2013.

DAIGLE, Christine; GOLOMB, Jacob (eds.). **Beauvoir and Sartre: The Riddle of Influence**. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

DEUTSCHER, Penelope. **The Philosophy of Simone de Beauvoir. Ambiguity, Conversion, Resistance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FULLBROOK, Edward; FULLBROOK, Kate. **Sex and Philosophy: Rethinking de Beauvoir and Sartre**. London and New York: Continuum, 2008.

KRUKS, Sonia. "Simone de Beauvoir: Teaching Sartre About Freedom." **Sartre Alive**. Aronson, Ronald and Adrian van den Hoven (eds). Detroit: Wayne State University Press, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **Being and Nothingness: An Essay in Phenomenological Ontology**. Translated by Hazel E. Barnes. Revised edition. London and New York: Routledge, 2003.

SIMONS, Margaret A. **Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race, and the Origins of Existentialism**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1999.